

**Centro Universitário de Brasília**  
**Instituto CEUB de Pesquisa e Desenvolvimento - ICPD**

*Continuum* de manipulação em textos jornalísticos

Raquel Barbosa Mezavila Abdelmur\*

**RESUMO**

O texto jornalístico caracteriza-se por ter cunho, teoricamente, referencial, ou seja, é supostamente imparcial, tendo como objetivo maior apenas a informação. Porém, os textos evidenciam-se posicionados. Isso é percebido por meio de pistas linguísticas e semióticas. Com base na Análise de Discurso (ADC), de Norman Fairclough (2001), associada às contribuições da análise multimodal, de Kress e van Leeuwen (1996), e dos modos de operação da ideologia de Thompson (1995), percebe-se a existência de um *continuum* de manipulação, no qual o autor não só mostra o seu posicionamento, como tenta, também, persuadir o leitor, usando mecanismos linguísticos, visuais etc., de que o seu ponto de vista é o melhor. Essa "manipulação" varia em graus de identificação por parte do leitor. Esta pesquisa fez um levantamento dos diversos mecanismos usados na construção desses textos para mostrar posicionamentos sutis e explícitos e quais as dificuldades encontradas pelo leitor para identificar essas construções.

**Palavras-chave:** Análise do Discurso. *Continuum*. Imprensa. Manipulação.

## 1 INTRODUÇÃO

Os textos jornalísticos circulam em vários âmbitos da sociedade e possuem grande alcance, atingindo indivíduos de várias classes sociais e em diversos

---

\* Trabalho apresentado ao Centro Universitário de Brasília (UniCEUB/ICPD) como pré-requisito para obtenção de Certificado de Conclusão de Curso de Pós-graduação *Lato Sensu* em Revisão de Texto, sob orientação da Prof. <sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup> Solange de Carvalho Lustosa.

contextos. Dessa forma, entende-se a importância dos gêneros textuais produzidos no ambiente jornalístico, pois estes vão não apenas informar fatos relativos à sociedade, mas, também, formar opiniões a partir das ideologias aplicadas aos textos. Isso significa dizer que, apesar da aparente imparcialidade, os textos jornalísticos apresentam posicionamento ideológico, perceptível tanto em textos escritos quanto em textos imagéticos. Essas pistas ideológicas podem ser explicitadas por meio de mecanismos linguísticos e semióticos e apresentam maior ou menor grau de dificuldade de decodificação a depender da semiose aplicada ao texto.

Dessa forma, este trabalho pretende evidenciar esses mecanismos de manipulação ideológica nos textos jornalísticos, partindo-se de uma breve análise do gênero jornalístico, com as contribuições teóricas de Abramo (1991) e Marcuschi (2008), passando pelas contribuições teóricas ideológicas de Fairclough (2001) e de Thompson (2007), até chegar na comparação entre o texto escrito e o texto imagético, com as contribuições de Virgínia (2009) e Kress e van Leeuwen (1996). A partir disso, propõe-se um quadro representando o *continuum* de manipulação existente nos textos (imagéticos e/ou escritos) para demonstrar a dificuldade de decodificação de sentido em cada semiose a partir do nível de dificuldade de leitura de cada indivíduo. Logo depois, será feita uma análise em dois gêneros textuais retirados do ambiente discursivo jornalístico a fim de demonstrar que os textos jornalísticos possuem pistas ideológicas imprimidas em suas estruturas, e que, dependendo da semiose utilizada, essas ferramentas manipulativas são mais facilmente localizadas ou não.

A importância desta pesquisa pauta-se no fato de que reconhecer os mecanismos de manipulação textual permite ao leitor fazer uma leitura crítica de elementos escritos e imagéticos, não se deixando manipular facilmente pelas ideologias imprimidas no texto, reconhecendo que a instituição jornalística não é imparcial e defende posicionamentos ideológicos de grupos sociais, o que é percebido nas formas de realização, distribuição e consumo desses textos.

## **2 O GÊNERO JORNALÍSTICO: UM BREVE PERFIL**

Editorial, notícia, reportagem, etc., constituem gêneros textuais que se inserem dentro de um gênero discursivo: o jornalístico. Para Marcuschi (2008), os gêneros textuais são textos postos como estratégias comunicativas, que apresentam padrões estruturais relativamente estáveis, ocupando a função de textos socialmente situados com propósitos específicos de interação, formas e funções bem delineados. Logo, o gênero textual configura-se como um texto com função social. Esses gêneros textuais fazem parte de uma esfera maior, os domínios discursivos, que se caracterizam pela interação discursiva humana. São contextos discursivos, dos quais são originados diversos gêneros textuais que circulam na sociedade.

Em se tratando dos gêneros textuais jornalísticos, cristalizou-se a ideia de que essas estruturas textuais, por se tratarem, na maioria dos casos, de condutores de informação, devem demonstrar imparcialidade, o que não é o caso, pois “um jornal se ocupa todo o tempo com os processos observacionais que conduzem a interpretações da realidade” (ABRAMO, 1991, p.44), o que significa dizer que não há imparcialidade em textos jornalísticos. Zanini (2009) também entende que todo texto apresenta um posicionamento, demonstrado por pistas linguísticas (a fonte do texto, a cor, a seleção lexical), mas que isso deve ser monitorado, pois toda produção textual revela pistas do enunciador que exprimem o seu caráter ideológico. Contudo, como ressalta Fairclough (2001), os textos estão imbuídos de níveis ideológicos em diferentes graus, e no texto jornalístico não é diferente. Porém, é esperado, pelo interlocutor, que nesse âmbito as marcas tendenciosas estejam em uma intensidade ideológica bem menor que em outros textos, posto que a finalidade primeira dos textos jornalísticos é a de transmitir a informação com clareza e objetividade.

Abramo (1991, p.45) ainda defende que a rigidez conferida aos textos jornalísticos por alguns manuais

(...) leva à desconsideração da circunstância essencial que envolve toda experiência empírica, a saber, que nenhum dado observacional pode sequer ser apreendido na ausência de uma superestrutura teórica. Um dado sensorial só pode ser compreendido (ou seja, "fazer sentido") quando interpretado à luz de um arcabouço conceitual.

Ou seja, escrever, no ambiente discursivo jornalístico, significa mais que relatar fatos, pois o ponto de vista do observador e o público-alvo para quem é destinado o texto são elementos impossíveis de serem suprimidos da estrutura textual. Em algum momento no percurso da confecção do texto, por mais que haja o monitoramento da escrita, o indivíduo deixará marcas que exprimem sua ideologia a

fim de atingir o público esperado com sucesso, pois, como cita Abramo (1991, p. 44),

a criação de hábitos de consumo tem finalidade oposta à de exercitar a racionalidade crítica do consumidor: do ponto de vista de quem vende, quanto mais o comprador adquire produtos por força de rotinas impensadas, melhor. O último comportamento que as empresas esperam do mercado é que se oriente racionalmente. (...) é total a consciência a respeito da irracionalidade básica do público leitor, ainda mais tratando-se do Brasil.

Desse modo, percebe-se que há posicionamento ideológico nos textos que circulam nos vários jornais e revistas do país. Alguns apresentam ideologia mais marcada, outros menos, mas, independente do grau ideológico, o objetivo principal disso é legitimar posicionamentos valorativos a favor de um ou outro grupo social. É claro que o texto, na visão dialógica da língua, segundo Koch e Villaça (2010), é um construto interacional, em que tanto quem escreve quanto quem lê são sujeitos ativos no processo de construção de sentido. Contudo, caso os conhecimentos (de mundo, da língua, do contexto de criação do texto, de quem o escreveu), no caso do leitor, sejam insuficientes ou primários, a decodificação do sentido empregado no texto torna-se deficitária, o que permite que a estrutura textual influencie o leitor de forma tendenciosa ou errônea, pois não há criticidade por parte do interlocutor.

Os produtores do texto jornalístico sabem dessas falhas e exploram no texto aspectos que difundam a ideologia do jornal. Acerca disso, Koch (2005, p.17), citada por Lustosa (2013, p.59), ressalta que “orientar o discurso no sentido de determinadas conclusões constitui o ato linguístico fundamental, pois a todo e qualquer discurso subjaz uma ideologia na acepção mais ampla do termo”. O texto, então, direciona, manipula o leitor para certas conclusões, o fazendo crer que aquilo que está dito é verdade absoluta. Os autores de textos jornalísticos, por vezes, se aproveitam da instituição jornalística como aparelho ideológico de estado, ou seja, pressupondo-se que seja uma instituição ilibada e de respeito, lançam mão de elementos persuasivos em favor da ideologia da classe dominante e hegemônica. Charaudeau (2010, p.68) explicita dois aspectos relativos às questões manipulativas

uma é que o manipulador não revela seu projeto de realização e o maquia sob um outro projeto que é apresentado como favorável ao manipulado (quer o benefício seja de ordem individual ou coletiva). A outra é que o manipulador, para melhor impressionar o manipulado, tira partido de certa posição de legitimidade que lhe é dada pela situação e joga com uma credibilidade que ele teria adquirido em outra parte.

Portanto, salienta-se que a questão principal não é a de que os textos jornalísticos devam, em se tratando de posicionamento, ser rigidamente imparciais, haja vista que isso não é possível, já que textos são produções humanas e dependem dos pontos de vista do escritor e do leitor, mas, sim, a de que a criticidade, decorrente da agregação e mobilização de conhecimentos de diversas áreas do saber, é a chave fundamental para perceber os sentidos que o texto transmite. Com efeito, o *Manual Geral de Redação da Folha de São Paulo* (1987, p.34), citado por Abramo (1991, p.44), explicita, em se tratando da objetividade do texto jornalístico que

não existe objetividade em jornalismo. Ao redigir um texto e editá-lo, o jornalista toma uma série de decisões que são em larga medida subjetivas, influenciadas por suas posições pessoais, hábitos e emoções. Isso não o exime, porém, da obrigação de procurar ser o mais objetivo possível. Para retratar os fatos com fidelidade, reproduzindo a forma em que ocorreram, bem como suas circunstâncias e repercussões, o jornalista deve procurar vê-los com distanciamento e frieza, o que não significa apatia nem desinteresse (...).

Porém, também cabe ao leitor fazer uma leitura crítica do escrito, pois é o leitor que legitimará com efeito o que está sendo relatado, perpetuando, assim, ideias e posicionamentos, sejam eles bons ou ruins.

### **3 CONCEITO DE IDEOLOGIA**

De acordo com Fairclough (2001), as ideologias configuram-se como construtos sociais significativos da realidade que permeiam os indivíduos, construídas e reconstruídas nas práticas discursivas, e que cooperam para a legitimação ou transformação das relações de poder. Dessa forma, os elementos simbólicos, potenciais condutores de ideologias só serão ideológicos caso tenham significado nos contextos sociais. Segundo o autor, a legitimação de ideologias se dá, principalmente, através dos aparelhos ideológicos de estado. Em se tratando de textos, as ideologias, de acordo com o autor, não são possíveis de serem “lidas”, pois o conteúdo textual permite interpretações “que podem diferir em sua importância ideológica e porque os processos ideológicos pertencem aos discursos como eventos sociais completos – são processos entre as pessoas – e não apenas aos textos que são momentos de tais eventos” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 119).

Fairclough (2001, p.120) afirma que “não se deve pressupor que as pessoas têm consciência das dimensões ideológicas de sua própria prática. As ideologias construídas nas convenções podem ser mais ou menos naturalizadas e automatizadas (...)”, ou seja, muitas vezes os indivíduos podem adotar pareceres ideológicos pelo simples fato de esses estarem naturalizados na sociedade; é automático. Porém, também como sujeitos desse processo, e não apenas como assujeitados, os indivíduos têm a capacidade de saber analisar criticamente a ideologia em textos, o que não significa que o façam, pois parece mais cômodo adotar a ideologia pregada pelos aparelhos de estado, pois, aos olhos de grande parte da sociedade, são autoridades incontestáveis.

Esse “torpor” social, que, por vezes, impede um posicionamento mais crítico em relação aos textos se dá por questões de hegemonia, que

é liderança tanto quanto dominação nos domínios econômico, político, cultural e ideológico de uma sociedade. Hegemonia é o poder sobre a sociedade como um todo de uma das classes economicamente definidas como fundamentais em alianças com outras forças sociais, mas nunca atingindo senão parcial e temporariamente, como um ‘equilíbrio instável’ (FAIRCLOUGH, 2001, p. 122).

Assim, percebe-se uma visão quase que maniqueísta dos assuntos acerca das ideologias, em que a predominante no momento é verdade irrefutável, mesmo que nociva ou insuficiente para o contexto social.

Para Thompson (2007), os fenômenos ideológicos consistem em formas simbólicas significativas que sustentam as relações de poder. Para que isso ocorra, essas formas simbólicas têm que estar situadas em contextos sócio-históricos específicos, carregando uma carga de sentido que opere ideologicamente para sustentar e estabelecer relações de poder. Isso significa dizer que as formas simbólicas, por si só, não possuem carga ideológica. As formas ideológicas baseiam-se, de acordo com Thompson (2007), não apenas em textos escritos, mas também em imagens, ações e falas produzidas por indivíduos e legitimados por grupos sociais como significativos. Essas lutas pelo poder levam a relações de dominação

quando relações estabelecidas de poder são sistematicamente assimétricas, isto é, quando grupos particulares de agentes possuem poder de uma maneira permanente, e em grau significativo, permanecendo inacessível a outros agentes, ou a grupos de agentes, independentemente da base sobre a qual tal exclusão é levada a efeito (THOMPSON, 2007, p.80).

#### 4 O TEXTO: O VERBAL E O IMAGÉTICO

Fairclough (2001) entende o texto de forma abrangente, em que qualquer uso da linguagem constitui texto. Dessa forma, fala-se em linguagens, o que abarca não apenas a linguagem escrita ou falada, mas também elementos imagéticos. Segundo Vieira (2007), apesar de a escrita ser o modo de representação majoritária na sociedade humana, em sua maioria, o uso de imagens como formas de significação está, cada vez mais, ganhando espaços em vários âmbitos discursivos. Assim, percebe-se o uso em larga escala de imagens, agregadas a construções verbais, como construtos de sentido, o que os tornam textos.

Assim como formas escritas, a imagem, posicionada em contextos específicos, transmite a ideologia de grupos sociais, ou seja, entende-se tanto a imagem quanto a escrita, como outras formas de significação, como elementos semióticos capazes de construir sentidos em contextos específicos. A respeito da semiótica discursiva, Vieira (2007, p.3) ressalta que os estudiosos dessa área “partem da premissa de que o interesse do produtor de um signo conduz a uma relação motivada entre significado e significante. Segundo esse ponto de vista, a ideologia torna-se componente indissociável do signo linguístico, fato que contradiz frontalmente à semiótica ortodoxa.”.

Dessa forma, a análise imagética contribui significativamente em análises textuais multimodais, pois preterir a análise de imagens em favor, apenas, dos elementos verbais, pode prejudicar a significação global do texto (LUSTOSA, 2013). Ainda segundo Lustosa (2013), tem-se o pressuposto de que essa semiose é, por si só, suficiente para a decodificação do significado, o que é equivocado, pois, uma imagem apresenta vários elementos, por vezes complexos, que podem passar despercebidos aos incautos, ainda mais quando há o elemento verbal, em que se necessita coadunar as duas ou mais semioses para efeitos de sentido textual.

Assim como o texto puramente verbal detém marcas ideológicas de seu autor, o texto imagético e o texto multimodal também refletem cargas ideológicas. De acordo com Kress e van Leeuwen (1996, p.47)

estruturação visual também tem sido tratada simplesmente como reprodução das estruturas da realidade (...), mais do que como criação de proposições com significado por meio da sintaxe visual (...). Estruturas pictóricas não reproduzem simplesmente as estruturas da “realidade”. Pelo contrário, elas produzem imagens da realidade em que estão ligadas aos interesses das instituições sociais em que as gravuras são produzidas,

ganham circulação e são lidas. Elas são ideológicas. Estruturas pictóricas nunca são meramente formais: elas possuem dimensão semântica muito importante.

Ou seja, da mesma forma que o texto verbal possui elementos de análise bem definidos (estrutura sintática, uso do léxico, pontuação, etc.), a análise de imagens também vem ganhando contornos analíticos mais concretos. Kress e van Leeuwen (1996) avançam nesse sentido ao darem algumas ferramentas de análise imagética. Uma dessas ferramentas seria o conceito de ator e alvo, em que o primeiro consiste no elemento da imagem da qual parte o vetor, o fio condutor que, em Linguística, representaria os verbos de ação. Já o segundo representa o destino do vetor, ou seja, é o elemento “passivo” na imagem. Os autores também trazem a definição de *reacter*, que é aquele elemento (necessariamente com olhos), na imagem, do qual o olhar emana. Se o olhar for dirigido a outro elemento na imagem, será um *reacter* transacional, caso contrário, será um *reacter* não transacional. Em se tratando desse último conceito de *reacter*, Kress e van Leeuwen (1996, p.68) ressaltam que

algumas vezes, editores de fotografias ou gravuras escolhem fotos de *closes* de *reacters* não transacionais que parecem chateados, ou animados, ou perdidos, com algo que não podemos ver. Isso pode tornar-se uma fonte de manipulação representacional.

Outro item de análise revelado por Kress e van Leeuwen (1996) é a questão do enquadramento. Se o produtor da imagem utiliza o *close*, isso dá a percepção de personalidade ao(s) elemento(s) capturado(s). Caso a imagem seja retratada de forma mais abrangente, sem o *close*, há a noção de generalização.

O trabalho de Kress e van Leeuwen (1996) é de fundamental importância em se tratando de análise imagética, pois abriu novas possibilidades para tanto. Da mesma forma, Thompson (2007) propõe um quadro de operações da ideologia, que atende tanto à análise imagética quanto à análise de textos escritos.

#### Quadro 1

##### Modos de operação da ideologia de Thompson

<b>Modos de operação</b>	<b>Estratégias de construção simbólica</b>
<b>Legitimação:</b> relações de dominação sustentadas como legítimas	<b>Racionalização:</b> cadeias de raciocínios construídas a fim de defender e justificar relações



	<p>ou instituições sociais.</p> <p><b>Universalização:</b> interesses de alguns indivíduos são apresentados como sendo de todos.</p> <p><b>Narrativização:</b> atos passados passado são utilizados para justificar o presente como parte de tradições aceitáveis.</p>
<p><b>Dissimulação:</b> relações de poder sustentadas pelo fato de serem ocultadas, negadas ou obscurecidas, ou representadas de modo distorcido, ignorando-se processos e relações existentes.</p>	<p><b>Deslocamento:</b> um termo costumeiramente usado para se referir a um determinado objeto ou coisa é usado para se referir a outro, e com isso as conotações positivas ou negativas são transferidas.</p> <p><b>Eufemização:</b> ações, instituições ou relações sociais são descritas ou redescritas para despertar uma valoração positiva.</p> <p><b>Tropo (sinédoque, metonímia, metáfora):</b> uso figurativo da linguagem que opera a favor da dissimulação das relações de dominação.</p>
<p><b>Unificação:</b> relações de dominação estabelecidas e sustentadas através de construções simbólicas que interligam os indivíduos em uma identidade coletiva, ignorando-se as possíveis diferenças entre eles.</p>	<p><b>Padronização:</b> formas simbólicas adaptadas a um referencial padrão, que é proposto como um fundamento partilhado e aceitável de forma simbólica.</p> <p><b>Simbolização da unidade:</b> construção de símbolos de unidade, de identidade e de identificação coletivas a fim de se apagar possíveis diferenças.</p>
<p><b>Fragmentação:</b> relações de dominação mantidas através da segmentação de grupos que podem subverter a ordem imposta pela classe dominante.</p>	<p><b>Diferenciação:</b> ênfase nas distinções e divisões de pessoas de um mesmo grupo a fim de gerar conflitos e desunir tais grupos.</p> <p><b>Expurgo do outro:</b> construção de um inimigo, externo ou interno, retratado como ameaça.</p>
<p><b>Reificação:</b> relações de dominação sustentadas pela retratação de situações transitórias e históricas como permanentes e naturais.</p>	<p><b>Naturalização:</b> criações sociais e históricas retratadas como acontecimentos naturais.</p> <p><b>Eternalização:</b> fenômenos sócio históricos são esvaziados de seu caráter histórico ao serem apresentados como permanentes e imutáveis.</p> <p><b>Nominalização:</b> desvio do foco do agente real</p>

	<p>das ações para instituições ou elementos mais generalizados.</p> <p><b>Passivização:</b> verbos colocados na voz passiva, gerando-se o apagamento de sujeitos</p>
--	--

**Fonte:** adaptação a partir de Thompson (2007)

Os modos de operação da ideologia de Thompson são perceptíveis tanto em estruturas menores, como a utilização do léxico, quanto em estruturas maiores, como o discurso. Também podem ser percebidas em textos imagéticos.

Outra forma de análise é a pontuação autonímica. Segundo Charaudeau e Maingueneau (2004), citados por Virgínia (2009), explicitam que a utilização da pontuação para fins de construção de sentido no texto opacificam o texto. Segundo Virgínia (2009), isso se dá por colocações sutis sugeridas pelo autor do texto, o que revela a consciência do uso da pontuação na construção textual pelo indivíduo. Ainda segundo a autora, o efeito persuasivo do texto só se concretiza se o leitor tiver a percepção desses recursos para o encaminhamento de uma ou outra possível interpretação textual. Logo, o leitor necessita mobilizar alguns conhecimentos para decodificar o sentido pretendido por meio do uso de determinado sinal de pontuação. Assim, é imprescindível que o indivíduo

(...) tenha o conhecimento compartilhado sobre os usos prescritos na gramática normativa; o conhecimento de mundo para poder relacionar o texto à prática social; faça inferências para buscar o motivo não esperado de determinado sinal de pontuação; e contextualize o texto, ou seja, insira o texto em situações reais com as quais ele dialoga (VIRGÍNIA, 2009).

É possível perceber que a leitura de textos, tanto verbais escritos quanto imagéticos, requisita uma série de fatores fundamentais para a sua compreensão, que vão desde conhecimentos enciclopédicos a conhecimentos linguísticos. No caso da imagem, como já dito neste trabalho, a leitura pode parecer mais fácil, porém sua leitura também é complexa, a depender de como a imagem foi produzida, para que finalidade, quais os elementos que a constituem, em que contexto se encontra, etc. É claro que não demanda conhecimento linguístico, a princípio, mas isso não quer dizer que uma leitura superficial dê conta, em alguns casos, de decodificar todo o sentido potencial que está inserido em seu bojo. Por isso, propõe-se aqui um quadro que explicita um possível *continuum* manipulativo, em que o leitor apresenta

diferentes graus de dificuldade em perceber os mecanismos persuasivos utilizados na construção textual.

É importante salientar que a decodificação desses mecanismos depende dos conhecimentos que o interlocutor possui e a sensibilidade em identificá-los. Alguns indivíduos constatarem aspectos manipulativos mais em imagens, outros em registros escritos. Porém, é possível explicitar esse *continuum* a partir do nível de dificuldade de leitura de cada um. A seguir, propõe-se três quadros que representam o *continuum* de manipulação e a facilidade de o leitor em perceber os mecanismos persuasivos em cada tipo de texto, levando-se em conta os textos escritos, imagéticos e multimodais. Salienta-se que há outros tipos de semioses que colaboram para a manipulação de textos, mas, para fins deste trabalho, fez-se a análise das que vêm a seguir.

## Quadro 2

## Continuum de manipulação em textos (imagéticos e escritos)

## MULTIMODALIDADE

**Senso comum:** o texto multimodal permite ao indivíduo a construção de sentido mais facilitada, pois há mais de uma linguagem o auxiliando: imagem e texto escrito se “auto completam” e, o que o texto escrito não der conta de explicar, a imagem poderá auxiliar na compreensão e vice-versa.

**Leitura crítica:** apesar de o texto multimodal parecer ter uma leitura mais fácil devido às várias semioses que colaboram para a construção do significado, o produtor textual pode mascarar a ideologia por trás do texto com a ajuda tanto do texto imagético quanto do texto escrito. Ou seja, apesar de haver certa complementação das semioses na construção do significado, nem sempre a imagem e/ou o texto escrito retratam a realidade dos fatos, o que induz o leitor ao erro de interpretação ou à interpretação de acordo com a ideologia empregada no texto. Além disso, dependendo da qualidade da construção do texto multimodal, o sentido do texto não é alcançado, mesmo com a utilização de mais de uma semiose, o que deixa lacunas na interpretação textual e obscurece o sentido global do texto.



O texto ao lado revela que nem sempre há uma complementariedade entre texto escrito e texto imagético. O texto escrito não revela nada de mais em relação à questão ideológica do produtor do texto, e apenas noticia fatos. Porém, a imagem explicita algo mais. A forma como a foto foi capturada dá ênfase mais à sombra do então presidente Lula do que à própria imagem dele. A imagem da sombra parece estar dando um tiro na cabeça, o que pode ser interpretado, junto com a leitura textual, que a decisão do presidente de confrontar o Poder Judiciário é um ato de suicídio político. Isso sugere a ideologia do produtor do texto por meio da imagem.

Fonte: quadro produzido pela autora deste artigo.

## Quadro 3

*Continuum de manipulação em textos (imagéticos e escritos)***TEXTO IMAGÉTICO**

**Senso comum:** a imagem, por não, demandar conhecimentos linguísticos (principalmente relativos à gramática), é tida como uma linguagem de mais fácil compreensão. O leitor deverá mobilizar outros conhecimentos para sua leitura (como o conhecimento de mundo).

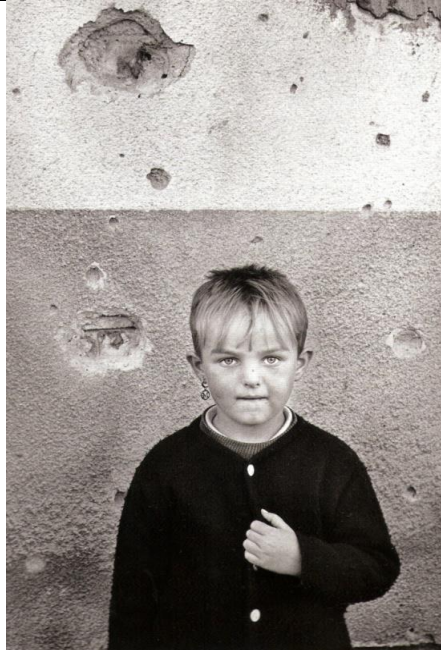
**Leitura crítica:** apesar de a imagem não demandar conhecimentos especializados para ser compreendida, sua leitura pode ser complexa, principalmente se o produtor do texto tiver como objetivo a persuasão do indivíduo para certos fins ideológicos. Por isso, nem sempre o conhecimento de mundo é suficiente para a leitura imagética, já que o poder de persuasão da imagem pode levar o indivíduo a outras interpretações. Assim como explicitam Kress e van Leeuwen (1996, p.116) sobre o leitor e a imagem

a relação é apenas representada. Nós estamos imaginariamente, em vez de realmente, nos colocando na posição de amigos, de clientes, da pessoa leiga que deve se render ao especialista. E se ou não nos identificamos com aquela posição, irá depender de outros fatores – da nossa relação com o produtor ou a instituição que ele ou ela representa, e da nossa real relação com outros que formam o contexto de recepção.

Tomando a imagem a seguir como exemplo, Lustosa (2009) afirma, sobre a composição da imagem, que

empregando, por exemplo, conceitos da Linguística Textual como tema e rema (KOCH, 2010), na análise do texto-imagem de Sebastião Salgado, o elemento mais escuro, no centro, acaba sendo geralmente o tema. Nesse caso em questão, a escolha do tema visual ainda sofre um reforço: o texto-imagem aparece em um livro denominado *Retratos de crianças do êxodo*, o que implica que o objeto mais importante são “crianças”. Deve-se procurá-las onde elas estão na fotografia. Continuando, a criança é o nosso tema, há também outra dimensão aqui: o fato de o autor/fotógrafo ter criado a sensação de que ela está olhando para nós<sup>1</sup>, num gesto provocativo de interação entre partes (leitor, objeto fotografado, fotógrafo) que estão num processo indissociável. Há também outros elementos presentes no texto: o cenário, o fenótipo da criança (ariano) que antecipam a perspectiva do contexto de cultura para leitura dessa oração-imagem. No final do livro, Salgado (2000) revela de onde veio a fotografia: Bósnia, o que nos faz perceber o porquê de ele ter incluído uma parte do cenário na fotografia, o qual perfaz cerca de quase metade da oração-imagem. Os buracos na parede revelam possíveis tiros de uma guerra travada recentemente, ou seja, para entender as escolhas do leitor, precisamos saber o contexto cultural, social em que a fotografia é produzida. Isso acaba incluindo também as ideologias que o autor quer compartilhar, por meio de seu olhar materializado na fotografia.

<sup>1</sup> KREES & LEEWEN denominam esse fenômeno de quase-interação, calcada na função interpessoal visual, que seriam as cenas em que os personagens representados têm os seus olhares imersos no horizonte, encarando seus interlocutores. O fenômeno é denominado reação não-transacional e é utilizada, na opinião dos autores, para criar uma empatia e envolvimento emotivo naqueles que observam a cena. O olhar, da maneira que é apresentado, revela mais do que simplesmente uma direção, mostra a reação subjetiva do personagem representado naquela situação.



Campo de Turanj para refugiados bósnios do enclave de Bihac. Krajina, Croácia, 1994 (SALGADO, 2000, p. 17).

**Fonte:** quadro produzido pela autora deste artigo.

#### Quadro 4

*Continuum* de manipulação em textos (imagéticos e escritos)

### TEXTO ESCRITO

**Senso comum:** o conhecimento gramatical é importante para uma leitura efetiva do texto escrito. O que está escrito através das palavras é o suficiente para a boa interpretação textual.

**Leitura crítica:** o conhecimento da gramática tradicional é indispensável para a boa leitura do texto escrito, mas as palavras constituem apenas uma parte da interpretação e da construção de sentido do texto. Outras pistas linguísticas mais sutis são, também, indispensáveis para a decodificação do significado proposto pelo produtor textual como:

**Pontuação:** demanda conhecimento da gramática normativa para a percepção de sua colocação, no texto, como elemento manipulativo. É sutil, e a maioria dos indivíduos não percebe esse elemento como sendo persuasivo em certos contextos.

**Recursos linguísticos:** ordem das estruturas das orações (como a apassivação do sujeito), orações intercaladas, nominalizações, figuras de linguagem etc., são mecanismos de manipulação que apresentam dificuldade de serem percebidas, pois requerem conhecimento linguístico mais consistente.

**Léxico:** o sentido das palavras é mais perceptível que os outros elementos linguísticos, mas também demanda conhecimento linguístico e contextual que podem passar despercebidos ao leitor.

**Fonte:** quadro produzido pela autora deste artigo.

Os quadros explicitam, de forma resumida, quais são os textos em que é possível perceber os elementos manipulativos com maior facilidade ou não. Além disso, trata-se de um *continuum*, pois se constata, por exemplo, que o texto multimodal contém, em sua estrutura, elementos imagéticos e escritos, o que torna mais fácil (apesar de isso não ser regra) a leitura por parte do leitor. Já o texto puramente escrito possui pistas persuasivas mais sutis e difíceis de serem descobertas. Logo, não se trata de estruturas totalmente diferentes, mas dispostas de formas diversas a fim de facilitar, ou não, a decodificação ideológica do texto.

## **5 ANÁLISE DE DADOS**

A análise dos dados foi realizada por meio do método qualitativo de pesquisa. Buscaram-se textos jornalísticos em diferentes revistas brasileiras. A não padronização dos gêneros textuais aqui analisados justifica-se devido ao objetivo do trabalho, que procura não analisar um gênero específico, mas os instrumentos utilizados para persuadir o leitor no ambiente discursivo jornalístico em geral. Os dados foram coletados e analisados à luz da Análise do Discurso Crítica (ADC), com as teorias ideológicas de Thompson (2007) e Fairclough (2001), e à luz da teoria de análise de imagens de Kress e van Leeuwen (1996).

### **5.1 Análise do texto da revista Veja**

A revista *Veja* é comumente caracterizada por ter um posicionamento de extrema direita no âmbito sociopolítico brasileiro, ou seja, seus textos demonstram favorecer a classe dominante e conservadora do país. O texto a seguir foi retirado dessa revista.

## Texto 1

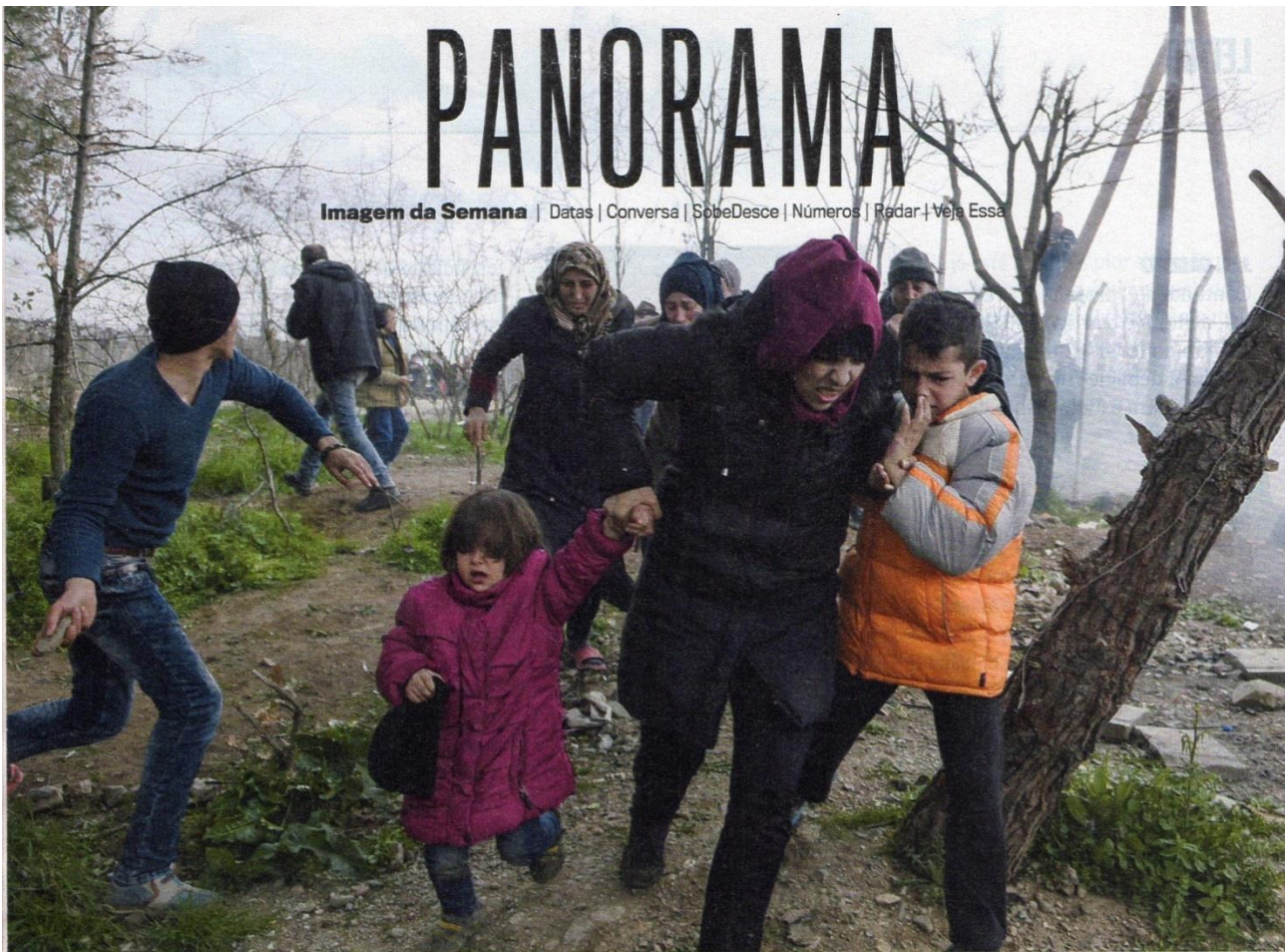


Imagem da Semana | Datas | Conversa | SobreDesce | Números | Radar | Veja Essa

## A VOLTA DAS FRONTEIRAS

Um a um, os países europeus impõem o controle de passaportes, aumentam a burocracia e erguem barreiras para conter o fluxo de refugiados **DIOGO SCHELP**

**OS CHECKPOINTS** têm um significado deletério para os alemães. A expressão em inglês remete aos postos de controle existentes ao longo do Muro de Berlim, que durante 28 anos separou parentes, amigos, amores e, no âmbito geopolítico, o mundo capitalista do mundo comunista. Em 1985, quatro anos antes do fim da barreira, a Alemanha e quatro nações vizinhas vislumbraram que era possível imaginar uma Europa sem fronteiras. O Acordo de Schengen, que hoje engloba 26 países, aboliu os controles fronteiriços. Transitar de um território para outro tornou-se tão fácil

quanto fazer uma viagem doméstica. Não é mais. Os checkpoints voltaram, desta vez para conter a entrada de deslocados de guerra do Oriente Médio. A Alemanha recebeu 1 milhão deles no ano passado. Todos os dias, 2.000 sírios, iraquianos e afegãos, entre outros, cruzam o mar entre a Turquia e a Grécia com o intuito de seguir pela rota dos Balcãs até o coração da Europa. A Alemanha é o principal destino, mas França, Noruega, Suécia e Dinamarca também ressuscitaram os controles de fronteira. No caminho entre Grécia e Europa Central, cercas foram erguidas pela Hungria e pela

Macedônia, onde na semana passada a polícia usou gás lacrimogêneo para impedir que os estrangeiros derrubassem a barreira que os impedia de seguir viagem. Os europeus temem principalmente homens jovens, como o que aparece acima jogando pedra na polícia, que compõem a maioria dos refugiados — em parte porque não há trabalho para todos, em parte porque entre eles há terroristas islâmicos, criminosos e estupradores. Ao fechar a porta para eles, a Europa condena também famílias com crianças ao limbo dos campos de refugiados na Turquia e na Grécia. ■



Trata-se do gênero textual notícia, que contém tanto texto escrito quanto texto imagético, sendo, portanto, um texto multimodal. Segundo Costa (2009, p. 157), a notícia é um

relato ou narrativa de fatos, acontecimentos, informações, recentes ou atuais, do cotidiano, ocorridos na cidade, no campo, no país ou no mundo, os quais têm grande importância para a comunidade e o público leitor, ouvinte ou espectador. (...) têm-se enunciados mais referenciais e menos opinativos, já que relata fatos, acontecimentos, etc. (...). Quanto ao objetivo, calcado num compromisso ético, a notícia visa informar os leitores o mais neutramente possível e com grande fidedignidade. (...). Posições e afeições subjetivas devem ser evitadas para que o próprio leitor faça sua avaliação.

Dessa forma, percebe-se que esse gênero em específico tem, como principal objetivo, a tarefa de informar sobre algum fato. Como já foi evidenciado neste trabalho, o texto jornalístico não é imparcial, mas deve-se ter o cuidado de não se imprimir, na estrutura textual, pistas ideológicas tão marcadas, sob pena de o texto, ou a própria veiculadora do texto jornalístico, ficar contaminado e caracterizado como sendo porta voz de uma ou outra linha ideológica.

Na última parte do texto, tem-se escrito o seguinte: “Os europeus temem principalmente homens jovens, como o que aparece acima jogando pedra na polícia, que compõem a maioria dos refugiados – em parte porque não há trabalho para todos, em parte porque entre eles há terroristas islâmicos, criminosos e estupradores. Ao fechar a porta para eles, a Europa condena também famílias com crianças ao limbo dos campos de refugiados na Turquia e na Grécia.”.

Em “Os europeus temem principalmente homens jovens, como o que aparece acima jogando pedra na polícia, que compõem a maioria dos refugiados – (...)”, a oração principal é: Os europeus temem principalmente homens jovens que compõem a maioria dos refugiados. O restante constitui um aposto: (...) como o que aparece acima jogando pedra na polícia (...). Ao desmembrar a oração dessa forma, a princípio, não se vê nada demais, porém, essa construção pode levar a interpretações equivocadas. Apesar de o aposto estar realizando um *link* com a imagem, ele quebra a sequência oracional, e o leitor mais distraído pode atribuir que “o homem jogando pedra na polícia” compõe a maioria dos refugiados. Mesmo com o verbo “compor” estando no plural e se referindo a “jovens”, uma leitura menos

minuciosa poderia levar o leitor a crer que a maioria dessas pessoas é agressiva e constituem risco potencial.

Assim, essa construção pode ser interpretada como tendenciosa. Além disso, pode-se supor que o produtor do texto tinha a consciência disso, já que havia outras formas de construir esse trecho de forma a não o deixar ambíguo. A partir dessa interpretação, essa construção pode ser enquadrada no quadro de operações ideológicas de Thompson (1997), mais especificamente na dissimulação → deslocamento, pois parece que o texto desloca, com esse aposto dúbio, a ação de uma pessoa para um grupo todo.

No trecho “(...) – refugiados, em parte porque não há trabalho para todos, em parte porque entre eles há terroristas islâmicos, criminosos e estupradores”, percebe-se que o uso do travessão, ao invés da vírgula, revela a vontade, do produtor textual, de enfatizar o que vem logo depois dessa pontuação. Como já citado por Virgínia (2009), o autor tem a consciência do uso da pontuação para fins persuasivos, evidenciando que aquilo a ser dito a seguir é importante. No caso do trecho analisado, o autor quis explicitar o porquê do temor dos europeus em receber os refugiados.

Dentre os motivos do temor europeu em receber os refugiados, encontram-se alguns qualificadores tendenciosos: “terroristas islâmicos, criminosos e estupradores”. Na atual conjuntura geopolítica, sabe-se que o terrorismo é um fator que põe em alerta todas as nações mundiais. Também é sabido que esse ato é praticado por uma pequena parcela da população do globo e que, apesar de parecer concentrar-se nos países do Oriente Médio, o terrorismo tem adeptos em vários outros países. A maioria dos indivíduos refugiados não fazem parte dessa “seita”, e evadem seus países para não sofrerem ou serem mortos pela guerra instaurada.

Percebeu-se, até agora, que se falou de terrorismos. Por que a utilização do léxico “estupradores” pelo jornal? O terrorismo abarcar muitos tipos de tortura (possivelmente o estupro), mas a proposta do texto não é relatar ou descrever os atos terroristas. Logo, esse qualificador, assim como “criminosos”, pode ser interpretado como se o povo refugiado do Oriente Médio fosse, em sua maioria, indivíduos de índole duvidosa. No quadro de Thompson (2007), isso poderia ser visto como uma unificação, em que se padronizam os indivíduos em uma única identidade: o povo do Oriente Médio é terrorista, além, também, de ser uma forma

de eternalização de uma situação, em que sempre o Oriente Médio será visto como lar de terroristas. Isso reforça e legitima a ideologia eurocêntrica e elitista difundida por décadas em todo o mundo sobre essa população.

No último trecho, apesar de o texto evidenciar que muitas famílias e crianças serão prejudicadas com o barramento da entrada dos refugiados nos países europeus, é perceptível que a ordem do discurso do texto enfatiza muito mais os perigos que esses indivíduos trazem do que o sofrimento deles.

O texto escrito e a imagem dialogam, mas o registro escrito preferencia muito mais o elemento agressivo da imagem, o homem jogando pedra, do que a mulher e as crianças tentando escapar de uma situação que não é possível identificar bem na imagem, pois não se sabe de quem estão fugindo. Em relação ao homem jogando a pedra, também não se sabe o porquê disso, é tudo interpretação, e o ângulo da imagem não revela os outros elementos desse conflito. A família fugindo trata-se de *reacters* não transacionais. Talvez, se apenas o elemento imagético fosse lido, sem a interferência do texto escrito, o leitor interpretaria o texto de forma diferente, focando-se mais na situação penosa dessas pessoas, até porque o elemento que mais aparece são as pessoas fugindo, e o homem revidando um possível “ataque” constitui elemento menor. Mas o produtor do texto preferiu explorar mais esse elemento que os outros para justificar o perigo de abrigar esses indivíduos. O texto explicita que as estruturas multimodais auxiliam na construção de sentido, mas também podem ser utilizadas para enfatizar um ou outro elemento.

## **5.2 Análise do texto da revista Carta Capital**

A Carta Capital não é vista como uma revista de cunho tão tendenciosa como a Veja, e alguns indivíduos consideram seus textos com posicionamento crítico.

## Texto 2

**Retratos Capitais**  
YVES HERMAN/REUTERS/LATINSTOCK



**Sem rumo.** O governo francês considerou “uma medida humanitária” a desumana desocupação do campo de refugiados de Calais – apropriadamente chamado de “Jungle” (selva). Perto de 3,5 mil pessoas, procedentes do Oriente Médio e do Norte da África, almejavam sair dali para o abrigo na Inglaterra, do outro lado do Canal da Mancha

82 CARTACAPITAL.COM.BR

Fonte: revista Carta Capital, 9 de março de 2016.

Trata-se de uma imagem com legenda. Nesse caso, espera-se que a legenda explique a imagem acima dela. Porém, a descrição na legenda não esclarece a imagem por completo, pois o que mais chama a atenção na foto é o fato de haver dois elementos com as bocas costuradas e com os olhos vendados. O texto escrito não dá nenhuma pista do porquê disso. A chamada de uma notícia no portal G1 relata o seguinte: “Migrantes iranianos costuram a boca em protesto em Calais”. Já o *lead* da mesma notícia diz: “Grupo de homens tinha cartazes com a pergunta: ‘Vão nos ouvir agora?’ Governo está destruindo parte de acampamento no norte da França.” Agora, com essa informação, é possível entender o contexto da imagem, o que não é possível apenas com as informações do texto escrito da Carta Capital. Ressalta-se aqui a importância de se pesquisar, em outras fontes, quando o texto não der conta de repassar o sentido completo pretendido.

Percebe-se que, o que deveria ser, em tese, um texto de leitura facilitada devido ao seu caráter multimodal, a construção de sentido fica prejudicada devido à falta de descrição no texto escrito. É claro que se a pessoa possui o conhecimento do contexto em questão, ou já leu sobre a situação em algum outro lugar, isso não será um problema. Porém, os elementos textuais devem estar sincronizados de modo a não deixar lacunas na construção de sentido.

O uso de aspas em “uma medida humanitária” revela que, na verdade, a ação não foi altruísta. Isso é mais claramente percebido pela continuação do enunciado: “(...) a desumana desocupação (...)”. O uso das aspas também pode ser interpretado como um trecho fidedigno retirado de outro texto, mas não é possível dizer isso, já que não há outras pistas textuais que colaborem para essa interpretação.

## **6 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este trabalho demonstrou que os textos jornalísticos não são imparciais, e que defendem posicionamentos de grupos sociais bem definidos, o que é perceptível por meio de pistas linguísticas e semióticas nos textos. Além disso, essas ferramentas, que visam à manipulação de indivíduos, não são “deixadas” na estrutura textual por acaso. Elas são pensadas cuidadosamente, de modo a atingirem os objetivos do produtor do texto e da ideologia do jornal em questão.

Verificou-se, também, que existe um *continuum* de manipulação, em que o indivíduo que produz o texto, além de utilizar de elementos persuasivos, tem a consciência de que existem semioses em que a construção do sentido por parte do leitor pode ser mais dificultada ou não, e a escolha dos elementos semióticos que irão compor o texto está diretamente ligada a questões ideológicas do autor do texto. Isso significa dizer que o autor pode ou não “obscurecer” os sentidos do texto a partir da semiose mais adequada para isso, provocando, assim, interpretações e decodificações de sentido errôneas. Isso evidencia que, apesar de o texto poder ser construído com mais de uma semiose que colaborem para a construção de sentido do texto, isso também pode dificultar a leitura, pois nem sempre as semioses presentes no texto apresentam caráter complementar para facilitar a interpretação.

Além disso, é preciso levar em conta como ocorre a apropriação do texto por parte do leitor, ou seja, a partir do conhecimento de mundo, dos conhecimentos linguísticos e semióticos e do repertório cultural, o indivíduo poderá realizar leituras diferentes do texto. Não se trata de leituras melhores ou piores, mas de interpretações distintas a partir de vários fatores. Porém, se o leitor tiver consciência dos recursos utilizados no texto, a possibilidade de uma leitura crítica é maior do que a de um indivíduo que não reconheça essas ferramentas. Logo, é imprescindível que o leitor tenha consciência dos mecanismos de manipulação de textos, sejam eles linguísticos ou semióticos, pois isso facilitará a leitura crítica e consciente dos discursos jornalísticos e de quaisquer outros.

### ***Continuum* manipulation in journalistic texts**

#### **ABSTRACT**

The journalistic text is characterized by having a referential nature and it is also supposed to be impartial, with the most objective to transmit information. However, the texts turn out to be positioned and this can be realized through linguistic and semiotic clues. Based on Norman’s Fairclough (2001) Discourse Analysis, Kress and Van Leeuwen’s contributions (1996), combined with Thompson’s operating modes ideology (1995), it’s noticed that there is a *continuum* manipulation, in which the author not only shows its position, but also tries to persuade the reader, using linguistics and visuals mechanisms etc, to convince that he has the best point of view. This

manipulation varies in degrees of identification by the reader. On this scientific research, a survey of the various mechanisms used in the construction of these texts was made. The objective is to show subtle and explicit positions, as the difficulties encountered to identify these constructions.

**Key words:** Analysis of Discourse. *Continuum*. Press. Manipulation.

## REFERÊNCIAS

ABRAMO, C. W. Império dos sentidos: critérios e resultados na Folha de São Paulo. *Novos Estudos*, São Paulo, CEBRAP, n. 31, p. 41-67, out. 1991.

CHARAUDEAU, P. O Discurso propagandista: uma tipologia, In: MACHADO, I. LUCIA; MELLO, R. *Análises do discurso hoje*, vol. 3. Rio de Janeiro: Nova Fronteira (lucerna) 2010, P.57-78, 2010., 2010. Disponível em: <[www.patrick-charaudeau.com](http://www.patrick-charaudeau.com)> Acesso em: 13 de março de 2016.

COSTA, S.R. Verbetes. In.:\_\_\_\_\_. *Dicionário de gêneros textuais*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009, p. 157 – 158.

FAIRCLOUGH, N. Introdução. In.:\_\_\_\_\_. *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001, p. 19-30.

\_\_\_\_\_. Teoria social do discurso. In.:\_\_\_\_\_. *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001, p. 89-130.

HERMAN, Y. Retratos Capitais. In.: *Carta Capital*. Editora Confiança, ano 22 – n. 89, 9 de março de 2016, p. 82.

KOCH, I.V; ELIAS, V.M. Escrita e interação. In.:\_\_\_\_\_. *Ler e escrever: estratégias de produção textual*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2010. pp. 31-34.

\_\_\_\_\_. Escrita e progressão sequencial. In.:\_\_\_\_\_. *Ler e escrever: estratégias de produção textual*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2010. pp. 159-186.

KRESS, G.; LEEUWEN, T.V. Narrative representations: designing social action. In.:\_\_\_\_\_. *Reading images: the grammar of visual design*. London and New York: Routledge, 1996, p. 45-78.

\_\_\_\_\_. Representation and interection: designing the position of the viewer. In.:\_\_\_\_\_. *Reading images: the grammar of visual design*. London and New York: Routledge, 1996, p. 114-153.

LUSTOSA, S.C. Análise do discurso crítica. In.:\_\_\_\_\_. *Brasilidade no cinema nacional: problematizando os processos de identidade*. 2013. 511 f. Tese (doutorado em Linguística). Universidade de Brasília (Unb), Brasília: 2013, p. 14 -77.

\_\_\_\_\_. A imagem e a metafunção textual: uma aplicação. Artigo (pós-graduação em Linguística). Universidade de Brasília, Brasília: 2009.

MARCUSCHI, L.A. Noção de gênero textual, tipo textual e domínio discursivo. In.:\_\_\_\_\_. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008, p. 154-161.

SALGADO, Sebastião. *Retratos de crianças no êxodo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SCHELP, D. A volta das fronteiras. In.: *Veja*. Editora Abril, ed. 2468 – ano 49 – n. 10, 9 de março de 2016. p. 28.

THOMPSON, J.B. O conceito de ideologia. In.:\_\_\_\_\_. *Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995, p. 44 – 104.

VIEIRA, J. A. Novas perspectivas para o texto: uma visão multissemiótica. In: VIEIRA, J. A... [et al.]. *Reflexões sobre a língua portuguesa: uma abordagem multimodal*. Petrópolis: Vozes, 2007. pp. 9-33.

VIRGÍNIA, K. A pontuação autonímica ou o efeito retórico da pontuação. 2009. Artigo (pós-graduação em Linguística). Diretoria de Pesquisa e Estudos de Pessoal (DPEP), Brasília: 2009.



ZANINI, T.C. Ideologia e informação: as marcas linguísticas do discurso jornalístico. In.: II SIMPÓSIO DE COMUNICAÇÃO, TECNOLOGIA E EDUCAÇÃO CIDADÃ, 2009, Bauru, SP. *Anais*. São Paulo: Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, 2009. pp. 1235 – 1252.

G1 (SITE). Migrantes italianos costuram a boca em protesto em Calais. Disponível em: <[www.g1.com](http://www.g1.com)> Acesso em: 26 de abril de 2016.